

1

Introdução

Começemos por números. Neste momento, há quinze livros espalhados em meu escritório, entre outros, que são dedicados exclusivamente a um sujeito. Woody Allen. Apenas um foi traduzido e publicado no Brasil. Nenhum deles é de um autor brasileiro. São nove americanos, três italianos, um espanhol, um francês e um sueco. Há dois livros que são verdadeiros álbuns da vida profissional de Allen (Lax, 2008 e Björkman, 2004). Há dois de filósofos que me abriram os olhos: “Woody Allen é um desafio para a filosofia.” (Hösle, 2007 e Lee, 1997). Há um de histórias em quadrinhos (Hample, 2009). E há outros que, confesso, não servem para muita coisa. Mas, afinal, será que Woody Allen é impopular no Brasil? Não vende livros? Ou será que não o conheciam até duas semanas atrás, quando ganhou o Oscar pelo roteiro de *Meia noite em Paris*? Mais um... Hum, é verdade, ele não foi receber a estatueta, de novo.

Deve soar irônico – o que me pareceu um bom começo para um estudo sobre Woody Allen. Mas, de fato, surpreende a escassez de livros publicados no Brasil sobre um dos grandes diretores vivos do cinema – com certeza, um dos mais prolíficos. Também chama a atenção que, apesar do volume de sua obra e reconhecimento prestado à mesma, ao final de mais uma entrevista, em novembro de 2006, Allen tenha feito a seguinte avaliação de sua carreira:

Minha sensação objetiva é que não atingi nada significativo artisticamente. Não digo isso com tristeza, apenas descrevo o que sinto de verdade. Sinto que não dei nenhuma real contribuição ao cinema. Em comparação com contemporâneos como o Scorsese, o Coppola ou o Spielberg, realmente não influenciei ninguém de forma significativa. Quer dizer, muitos dos meus contemporâneos influenciaram novos diretores. O Stanley Kubrick é um exemplo primordial. Eu não sou nenhum tipo de influência. Por isso é que sempre me pareceu estranho que prestassem tanta atenção em mim ao longo dos anos. Nunca tive um grande público, nunca fiz muito dinheiro, nunca tratei de temas controversos nem prestei atenção nenhuma na moda. Os meus filmes são filmes modestos, feitos com orçamentos modestos, que produzem lucros extremamente modestos e não abalam de forma alguma o mundo do *show business*. Não tem jovens diretores correndo para me imitar e fazer filmes do jeito que eu faço. Nunca tive domínio técnico suficiente, ou suficiente profundidade de idéias para fazer ninguém pensar. Sou um piadista do Brooklyn-Broadway que teve muita sorte. (Allen in Lax, 208: 467)

Em 2009, para escrever minha proposta de projeto de pesquisa sobre o cinema de Woody Allen para o Mestrado em Comunicação da PUC-Rio, procurei ver ou rever grande parte de seus quarenta e cinco filmes¹ e tive acesso a uma pequena parte desta bibliografia. Naquela ocasião me senti bastante confortável para escrever um projeto que resumia meu pouco conhecimento sobre o autor e o interesse em pesquisar sua obra. O projeto abria a possibilidade de fazer um levantamento de artistas cujos trabalhos tivessem sido influenciados pelos filmes de Allen para, consciente ou inconscientemente, provar que o cineasta tinha uma percepção errada do alcance de sua obra. Eu, inclusive, me questionava se não deveria me incluir na lista destes artistas influenciados por Allen, para tentar abrir portas para um projeto que, além da pesquisa de sua obra, viabilizasse o desenvolvimento de um roteiro de ficção seguindo o estilo alleniano – por que não?

O estudo que apresento agora seguiu em outra direção pois, durante o período de incubação desta dissertação (se é que posso chamá-lo assim), percebi que para analisar qualquer filme de Woody Allen era preciso, primeiro, entender suas origens, suas influências da comédia *stand-up*, e seu desenvolvimento no cinema como roteirista e diretor. A pesquisa foi, então, dividida em duas partes.

A primeira parte introduz as origens de Woody Allen, a influência da comédia *stand-up* no desenvolvimento de seu estilo humorístico e criação de sua *persona* fílmica, também referida como “herói alleniano” e cujo perfil será traçado a partir dos seus filmes – certamente nos que atua mas também naqueles cujo protagonista personifica sua *persona* –, além de incluir uma imprescindível análise da ironia que permeia seus textos e diálogos e seu vínculo com o humor judaico.

Na seção “E tudo o mais” apresento as múltiplas atividades desempenhadas por Woody Allen na década de 1960, incluindo participações em programas de televisão, campanhas publicitárias e o início de sua carreira no cinema. Concluirei esta parte da pesquisa com um projeto iniciado em 1975, quando Allen, nesta ocasião já amplamente reconhecido como uma das principais estrelas do cinema, ganha ainda mais projeção: o herói alleniano adquire nova dimensão nas tirinhas de jornais de grande tiragem. A análise do processo criativo de Inside Woody

¹ Ver Anexo 1 – Filmografia.

Allen revelará aspectos fundamentais do vínculo do autor com sua obra e a sua relação entre o público e o privado.

Na segunda parte, após um breve panorama do cinema no final da década de 1970 e de ressaltar a importância de colaboradores próximos a Woody Allen em seu trabalho, apresento dois de seus filmes mais emblemáticos ambientados em Nova York: *Noivo neurótico, noiva nervosa* (*Annie Hall*, 1977) e *Manhattan* (1979).

Noivo neurótico, noiva nervosa é analisado do ponto de vista da construção de uma narrativa fílmica mais elaborada que aborda questões da vida contemporânea, apoiando-se na filosofia e na psicanálise, e que lança mão de recursos cinematográficos até então inéditos. Este filme é o verdadeiro divisor de águas na carreira de Woody Allen e representa sua maturidade no cinema, tendo sido, portanto, inevitável e imprescindível analisá-lo minuciosamente.

Por outro lado, antecipo que “*Noivo neurótico, noiva nervosa* foi uma boa passagem para *Manhattan*.” (Lax, 2008, p.57). De fato, este último é resultado da maturidade adquirida no primeiro. Pode até ser considerado menos inovador que *Noivo neurótico, noiva nervosa* – que foi, como veremos, praticamente recriado na edição – porém *Manhattan* é preciso, extático, belo. Faço minha análise deste filme a partir da representação da cidade de Nova York. Muito mais do que simplesmente ambientar seus filmes em Nova York, uma outra Nova York ganha existência nos filmes de Woody Allen.